

A cada edição, explore com OSMAR LUIZ JR, o “Mindu”, o fascinante mundo da vida marinha.



# Muito prazer, BUDIÃO-DO-FUNDO

Nova espécie, antes confundida com outra do Hemisfério Norte, é identificada no Sul e Sudeste brasileiros



O *Halichoeres sazimai*, ou budião-do-fundo, como é popularmente chamado, o exemplar da foto é um macho, caracterizado pela listra escura no corpo

**Quando ainda** jovens, no início da formação, os biólogos fantasiavam com a descoberta e descrição de uma nova espécie animal e a posterior glória que essa “grande descoberta” traria. Com o passar do tempo e o amadurecimento científico, percebemos que a diversidade da natureza é muito maior do que podíamos imaginar e que a descrição de uma nova espécie é um fato relativamente comum e trivial, às vezes até de menor importância que outros trabalhos mais complexos em biologia. Mesmo assim, ao ter a oportunidade de descrever uma nova espécie pela primeira vez, não pude deixar de me lembrar de quando eu ainda era um calouro na faculdade e sentir um gostinho especial de estar

realizando um feito que outrora eu considerava “incrível”.

Na verdade, esta espécie não foi descoberta agora – apenas descrita com um novo nome. Ela já era conhecida por pesquisadores brasileiros há mais de duas décadas, porém, considerada como outra espécie, cuja distribuição é restrita ao Atlântico Norte e alguns poucos locais do Caribe, o *Halichoeres bathyphilus*. Como o próprio nome indica (*bathyphilus*: “afinidade com o fundo”), ele ocorre a grandes profundidades, geralmente mais de 100 metros, na costa oeste da América do Norte. Por conta disso, é raramente observado na natureza e tudo o que dispomos para compará-lo com espécies similares são exemplares desbo-

tados em vidros de álcool depositados em museus. Assim, ao comparar os espécimes coletados na costa brasileira com os poucos *bathyphilus* disponíveis em museus nos Estados Unidos, foram considerados a mesma espécie devido à incrível semelhança morfológica (forma do corpo e de órgãos).

Mesmo assim, muitos ictiólogos (biólogos que estudam peixes) ainda não estavam convencidos que a espécie pudesse apresentar uma distribuição assim tão disjunta, com populações separadas por uma área bastante extensa sem ocorrências. Para dissipar a dúvida, alguns exemplares foram coletados para realizar análises de DNA e comprovar se são ou não a mesma espécie. As análises genéticas apontaram diferença no DNA mitocondrial compatível com uma separação entre as populações dos Hemisférios Norte e Sul de até trezentos mil anos. Ao mesmo tempo, tivemos a grande sorte de ter acesso às primeiras fotos de *Halichoeres bathyphilus* recém-coletados, o que permitiu perceber então que a coloração era totalmente diferente. A diferença genética associada à diferença na coloração são evidências fortes o suficiente para considerar a espécie do sul e sudeste do Brasil como diferente da espécie do Hemisfério Norte. E, portanto, nova.

Como de praxe, os pesquisadores



A fêmea pode ser reconhecida pela listra amarela ou dourada

## Por gostar de águas profundas e frias, o budião-do-fundo raramente é observado por mergulhadores

que descrevem uma nova espécie também atribuem um nome a ela. Este nome muitas vezes serve para descrever alguma característica morfológica ou comportamental da nova espécie ou então para homenagear algum pesquisador de destaque daquele grupo animal, ou ainda o mergulhador que encontrou determinada espécie marinha. Neste caso, o nome do novo peixe, *Halichoeres sazimai*, é uma homenagem ao professor Ivan Sazima, do Departamento de Zoologia da Unicamp, que se aposentou no ano passado (somente das aulas, segundo ele próprio diz, mas continua ativo como pesquisador voluntário do departamento...). O professor Sazima é certamente um dos pesquisadores mais prolíficos da zoologia nacional, com centenas de artigos científicos publicados não só sobre peixes, mas também sobre diversos outros grupos animais. Quanto ao nome comum, o novo peixe é chamado de budião-do-fundo pelos mergulhadores, nome que vem do hábito desta espécie de viver

nas partes mais fundas dos recifes rochosos do sudeste do Brasil, geralmente na zona chamada de interface entre a rocha e a areia.

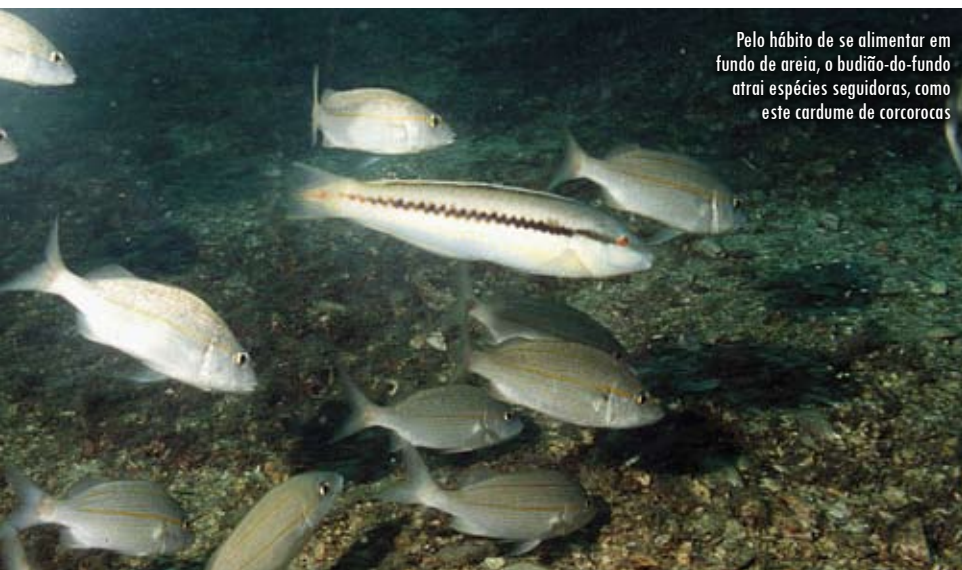
A distribuição geográfica do budião-do-fundo vai do sul do Espírito Santo a Reserva Biológica do Arvoredo, em Santa Catarina, porém é observado com mais frequência em algumas ilhas da costa dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo (Arraial do Cabo, Arquipélago das Cagarras, Laje de Santos e Ilha Vitória). Aparentemente, ele tem preferência pela água fria, pois, pelo menos na Laje de Santos, é muito mais comum quando o termoclina está presente, ficando na parte fria do mesmo, geralmente em águas com 18° C ou menos. Devido ao seu hábito de se alimentar sobre o fundo de areia, capturando pequenos invertebrados, o budião-do-fundo provoca um ligeiro distúrbio no substrato ao desenterrar suas presas. Isso faz que diversas outras espécies da comunidade de peixes do local acompanhem o budião-do-fundo em sua busca por alimento – nessa procura, diversos pequenos organismos são desalojados e fogem, sendo facilmente capturados pelas espécies acompanhantes. Esse tipo de simbiose entre as espécies de peixes é chamado de “comportamento de seguidores”, onde a espécie que provoca o distúrbio na areia atrás de

comida é chama de “espécie-nuclear”, e as demais que a acompanham tirando grande proveito da situação são as “espécies-seguidoras”.

Este fato ilustra bem como a biodiversidade marinha brasileira ainda é pouco conhecida, já mostrei em colunas anteriores diversos grupos de invertebrados cujo conhecimento científico está apenas engatinhando. Mas está cada vez mais evidente que até mesmo para os peixes, vertebrados economicamente importantes para o ser humano, o conhecimento ainda é muito incipiente. Ainda há muito que descobrir: nos últimos 12 anos, mais de 30 novas espécies de peixes marinhos já foram identificadas. Os mergulhadores recreativos têm muito a colaborar neste sentido, pois são vocês que passam o maior tempo na água com chances de observar coisas novas. Se um dia encontrar um peixe diferente, faça o possível para tirar uma fotografia e envie para um ictiólogo. Quem sabe não será o seu nome que irá batizar a próxima descoberta... 🚩

Osmar “Mindu” Luiz Jr é biólogo marinho, diretor científico do Instituto Laje Viva e autor da Prancheta de Identificação de Peixes Recifais do Brasil.

*Nota do editor: por pura modéstia, pode não ter ficado claro no texto que o descobridor (ou, no mínimo, “diferenciador” do budião-do-fundo é o titular desta coluna, Osmar Luiz Jr.. Parabéns, Mindu!*



Pelo hábito de se alimentar em fundo de areia, o budião-do-fundo atrai espécies seguidoras, como este cardume de corcorocas